

O DISTÚRPIO DE LINGUAGEM SOB UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA

Jefferson Lopes Cardoso*

RESUMO: *A linguagem, como disse o mestre Genebrino , é “a cavaleiro de diferentes domínios”. Lembramos esse dito de Saussure para pensar a linguagem sob o ponto de vista “desviante”, ou seja, sob aquele que considera o falante-ouvinte “não-ideal”. É nessa direção que o objetivo deste trabalho é refletir sobre o distúrbio de linguagem a partir da interlocução entre duas áreas – fonoaudiologia e Linguística da Enunciação. Por meio da recorrência a esses dois campos disciplinares, propomos pensar o distúrbio de linguagem como um fenômeno linguístico-enunciativo, em que o falante se inscreve na linguagem por meio de uma relação singular com a língua. Dessa forma, pensar o distúrbio de linguagem implica relevar as relações de intersubjetividade na linguagem.*

PALAVRAS-CHAVE: *Enunciação – Distúrbio de linguagem – Fonoaudiologia*

ABSTRACT: *Language, the way it is considered by the Genevan professor, “lies astride the boundaries separating various domains”. We recall this saying made by Saussure to reflect on language through a “deviant” point of view, that is, through a point of view that considers the “non-ideal speaker-listener”. In this direction, the objective of this work is to reflect upon language disorder considering two different fields – speech therapy and enunciative studies. By considering these two disciplines, it is proposed to investigate language disorder as a linguistic-enunciative phenomenon, in which the speaker is inscribed in language through a peculiar relationship with it. Thus, reflecting upon language disorder implies highlighting language intersubjectivity.*

KEYWORD: *Enunciative – Language disorder – Speech therapy*

INTRODUÇÃO

Propomos neste trabalho abordar o tema *linguagem* sob o ponto de vista “patológico”. As aspas empregadas, no termo *patológico*, têm uma justificativa condizente com a nossa abordagem sobre o tema. Explicamo-nos: trataremos aqui do *distúrbio de linguagem*, mas não na acepção de doença¹. O nosso objetivo é refletir

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do curso de fonoaudiologia na mesma instituição. jeflcardoso@hotmail.com

¹ A discussão em torno da dicotomia “normal/patológico” pode ser acompanhada com mais detalhe em Canguilhem (1990); Lier-De Vitto (1995, 2001); Surreaux (2006); Vorcaro (1999).

sobre o *distúrbio de linguagem* a partir da interlocução entre duas áreas – fonoaudiologia e Linguística da Enunciação² tomando-o como um fenômeno linguístico-enunciativo.

Pelo preâmbulo, já é possível prever que este trabalho não deixará de tangenciar algumas questões de caráter clínico, como a análise do *distúrbio de linguagem* e a intervenção do fonoaudiólogo frente a esses casos. Para tanto, será necessário que exploremos o sintagma *distúrbio de linguagem*, tomando, separadamente, os termos: *distúrbio* e *linguagem*.

Após as considerações iniciais sobre o emprego dos conceitos de *distúrbio/linguagem* na clínica fonoaudiológica, introduzimos os elementos teóricos, sob os quais nos apoiaremos, do estudo semântico desenvolvido por Émile Benveniste. Tendo como base esse estudo, discutiremos algumas das consequências, em termos de conceituação, de uma tomada do *distúrbio de linguagem* pelo ponto de vista enunciativo na esfera clínica³ fonoaudiológica.

O DISTÚRBIO DE LINGUAGEM

De início, podemos dizer que o emprego do termo *distúrbio*⁴ não é consensual no campo da fonoaudiologia, o que leva a uma falta de uniformidade em relação à nomenclatura empregada. Além da nomenclatura, observa-se que há, de acordo com os critérios escolhidos, diferentes classificações dos ditos *distúrbios de linguagem*. Assim, diferentes nomes, nem sempre guardando uma relação sinonímica, são empregados para fazer referência ao *distúrbio*: alteração, perturbação, desordem, desvio, patologia, atraso, retardo, transtorno, etc. Quanto aos critérios empregados na classificação, os mesmos são eleitos com base nas características linguísticas do discurso dos indivíduos, ou no caráter congênito ou adquirido dos distúrbios. Além desses, a classificação pode ser feita segundo o critério de etiologia, incluindo distinções sobre a ocorrência dos distúrbios na fase infantil ou adulta.

² Segundo Flores e Teixeira (2005) a *Linguística da Enunciação* (no singular) é constituída pelas *teorias da enunciação* (no plural). A *Linguística da Enunciação* tem uma concepção heterogênea do objeto da linguística, abarcando temas como a subjetividade, referência, dêixis, etc. Entre os teóricos da enunciação estão Roman Jakobson, Charles Bally, Oswald Ducrot, Jacqueline Authier-Revuz, Antoine Culioli e Émile Benveniste. A reunião desses autores, e suas respectivas teorias, no que se nomeia uma *Linguística da Enunciação* é devida a alguns pontos que compartilham na reflexão sobre a linguagem. Dentre esses pontos está a ancoragem em uma concepção de ciência mais comprometida com a idéia de irrepetibilidade do uso da língua e o fato de refletirem sobre o estruturalismo saussuriano.

³ O termo *clínica* é aqui empregado no sentido de “ato de clinicar”. Neste estudo, devido à especificidade da fonoaudiologia, *clínica* significa um “fazer”, ou ainda, usando uma expressão de Trois (2008): “um saber-fazer-com-a-linguagem”.

⁴ Estão incluídas nessa designação desde manifestações de linguagem decorrentes de problemas neuro-sensoriais, anatômicos, intelectuais, motores, neurológicos, de estrutura psicológica, entre outros, até as manifestações presentes em quadros síndrômicos com ou sem etiologia orgânica definida.

Sobre a *linguagem*, no sintagma *distúrbio de linguagem*, também podemos dizer que não é matéria consensual na área da fonoaudiologia⁵. Quando o fonoaudiólogo recorre aos estudos científicos sobre a linguagem, geralmente, se direciona ao campo da *aquisição da linguagem*. Nessa área, as teorias⁶ fazem remissão ao aspecto biológico, ao cognitivo, ao social, ou ao interacional na busca de explicações para a aquisição da linguagem pela criança. O que se observa, em linhas gerais, é que os autores da área da fonoaudiologia divergem tanto em relação ao conceito, quanto à natureza da linguagem. As diferentes explicações em torno do fenômeno – linguagem - estão fundamentadas, por eles, em elementos de ordem orgânica, fisiológica, cognitiva, linguística ou psíquica.

Neste ponto, uma pergunta convoca a interlocução com a Linguística da Enunciação: O que é linguagem no *distúrbio de linguagem*?

Argumentamos a necessidade de uma concepção de linguagem que contemple a articulação entre língua, fala e falante, visto que partimos do pressuposto de que enunciar é ocupar uma posição na linguagem por meio da língua. Logo, interessa para o nosso trabalho o sujeito que comparece na clínica fonoaudiológica, ou seja, o falante-ouvinte “não-ideal”. Assim, caminhamos na direção das formulações de Émile Benveniste sobre o estatuto da linguagem nos estudos linguísticos.

LINGUAGEM E ENUNCIÇÃO

Considerado como “o linguista da enunciação”, Benveniste se dedicou ao estudo semântico da língua com vistas à enunciação. Por essa perspectiva, que não ignora as concepções de sistema e de signo do pensamento saussuriano⁷, o autor buscou a articulação entre a língua e o sujeito que dela faz uso.

No artigo *Da subjetividade na linguagem*, escrito em 1958, Benveniste critica a noção *simplista* de linguagem como instrumento da comunicação⁸. Para o autor, a linguagem tem a propriedade essencial de ser constitutiva do homem – é ela que ensina a própria definição de homem (1991, p.285). Em suas palavras: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*” (ibid., p.286). Nessa perspectiva, o

⁵ Em Cardoso (2002), analisamos as diferentes concepções de linguagem que são difundidas na área.

⁶ Entre essas teorias estão os estudos de Jean Piaget (1971, 1999, 2002); Vygotsky (1983, 1998); Noam Chomsky (1965, 1971); Claudia de Lemos (1982, 1986, 1999). Muito embora saibamos que nem todos esses teóricos têm o processo de aquisição de linguagem pela criança como o objetivo principal de suas pesquisas, todos, em certa medida, abordam essa temática.

⁷ Sobre as questões de filiação teórica de Benveniste em relação a Saussure indicamos a leitura de: *Convite à linguística* (Normand, 2009) e *Saussure, Benveniste e a teoria do valor: do valor e do homem na língua* (Flores, 2009).

⁸ Linguagem como “instrumento da comunicação” é, neste texto, usado por Benveniste com o sentido de “transmitir mensagens”. Alertamos que essa ideia de comunicação não corresponde, sinonimicamente, a de *comunicação intersubjetiva*, utilizada por Benveniste em outros trabalhos. A noção de *comunicação intersubjetiva* é desenvolvida extensamente em: BARROS, Simone. *Linguagem e educação: aspectos enunciativos de programas de interação escola / mídia*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Valdir do Nascimento Flores.

processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência de uma condição fundamental: a polaridade das pessoas na linguagem. Trata-se da condição do diálogo, que tem as bases assentadas no fenômeno da alteridade: “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*” (ibid., p. 286). Sendo assim, a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. É “ego” quem diz *ego*. O que Benveniste designa de subjetividade é a capacidade do locutor de se propor como “sujeito” no exercício da língua. É por meio de uma *apropriação* da língua, designando-se como *eu*, que o locutor enuncia e, assim, passa a “sujeito”.

Benveniste, em *O aparelho formal da enunciação*, de 1970, destaca que as descrições linguísticas geralmente privilegiam o “emprego das formas”. Essas descrições têm por base um conjunto de regras, indicadas antecipadamente, que governam as *condições* sintáticas nas quais as formas aparecem. A ideia, nesses estudos, é que com o procedimento descritivo se obtenha um inventário completo do emprego das formas, e isso mostraria uma imagem do que seria a língua em emprego.

A partir dessa representação do que seria a língua em funcionamento, Benveniste é incisivo em dizer que: as *condições* de emprego das formas não são idênticas às *condições* de emprego da língua. O emprego da língua corresponde à noção de enunciação em Benveniste. Mas essa correspondência tem uma especificidade, explicitada na afirmação de que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1989, p. 82). Quando Benveniste se refere à enunciação salienta uma *condição* particular dela: “é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto” (ibid., p. 82). Ao destacar essa condição, o autor quer deixar claro que, na enunciação, o enunciado é abordado enquanto processo de produção, e não como produto. Para tanto, parte do princípio que a enunciação é regida por três aspectos interdependentes: “o próprio ato; as situações em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização” (Benveniste, 1989, p. 83).

A noção de ato vai definir o locutor como o elemento em torno do qual convergem as condições necessárias da enunciação. É assim, através da relação do locutor com a língua, e, concomitantemente, com o *outro*, que irão transparecer outros componentes que integram a enunciação. Na instância enunciativa, o locutor se apropria da língua para colocá-la em funcionamento. Ao se apropriar da língua, por um ato individual de utilização, o locutor se propõe como “sujeito”. Por essa perspectiva, é verdadeiro que “o ato individual de apropriação da língua introduz aquele fala em sua fala” (ibid., p. 84).

Porém, nada do que foi dito antes tem fundamento se não incluirmos o alocutário nesse processo. Benveniste é enfático ao dizer que quando o locutor assume a língua, ele, imediatamente, “implanta o outro diante de si” (ibid., p.84). Nessa direção, não se pode esquecer que o diálogo, condição da enunciação, implica reciprocidade, e que, portanto, o *outro* é necessário para que o locutor enuncie.

O segundo aspecto que integra a enunciação – as situações em que o ato se realiza – abrange a noção de tempo. Rejeitando a ideia de que a temporalidade é inata ao pensamento, Benveniste defende que ela é produzida na e pela enunciação. O tempo

se instaura na situação de alocação, portanto, é via discurso, na relação *eu-tu*, que o tempo participa da enunciação.

A enunciação instaura o aqui-agora, espaço e tempo em que um *eu* enuncia para um *tu* pelo discurso. Este processo é orientado pelo tempo presente⁹, donde se conclui que: “o tempo que se está” é o “tempo em que se fala”. Com isso, tem-se que a noção de temporalidade sempre é orientada pela categoria do presente, ou seja, o “presente” é a origem do tempo. É com base no “presente” que o passado e o futuro são referidos, “ele é o eixo para todas as relações espaciais e temporais, ele é “gerador” destas relações, promovendo deslocamentos no espaço e no tempo” (cf. Flores et. al., 2008).

O terceiro aspecto se refere aos instrumentos que possibilitam a realização da enunciação. É por meio desses instrumentos, linguísticos por natureza, que o locutor enuncia na língua. Benveniste se refere a esses instrumentos quando diz que: “O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (1989, p.84). Com essa divisão tem-se a distinção entre as entidades que, no “aqui-agora”, só têm estatuto quando referidas a “indivíduos”¹⁰, das que “têm estatuto pleno na língua”.

Assim, o grupo dos *índices específicos* é formado pelos índices de *pessoa* (relação *eu-tu*), pelos índices de *ostensão* (tipo *este, aqui, etc.*) e pelas *formas temporais*, cujo “presente” coincide com o momento da enunciação. Por outro lado, os termos nominais, “que enviam sempre e somente a conceitos” (ibid, p. 85), constituem as “entidades com estatuto pleno” na língua.

Embora haja uma distinção clara entre os caracteres específicos e plenos, Benveniste fala a favor de um engendramento dessas formas linguísticas na transformação da língua em discurso. Não há como negar a particularidade que os caracteres específicos têm de adquirirem sentido somente no momento em que são enunciados. Porém, no instante em que são referenciados, os termos nominais passam, juntamente como os específicos, a integrar o quadro enunciativo. Como exemplifica Benveniste: “o *eu*, o “aquele”, o “amanhã” da descrição gramatical não são senão os “nomes” metalinguísticos de *eu, aquele, amanhã* produzidos na enunciação” (1989, p. 86). Conclui-se, portanto, que, tanto os índices específicos, como as formas de estatuto pleno, emanam da enunciação.

A LINGUAGEM NO DISTÚRBO DE LINGUAGEM

É com base na concepção enunciativa de linguagem, esboçada acima, que nos propomos a pensar os *distúrbios de linguagem*. Uma concepção que, a partir de uma

⁹ O *tempo* em Benveniste é uma noção linguística, por isso também chamado de “tempo da língua”. Segundo Flores et. al. (2009) “ele instaura um “antes de” e um “depois de” próprios e irrepetíveis, não se encaixando, dessa forma, em nenhuma das divisões existentes do tempo crônico” (p. 226).

¹⁰ A expressão “indivíduos linguísticos” é utilizada por Benveniste para designar as classes de “pronomes demonstrativos” e “pronomes pessoais”.

perspectiva que releve a enunciação, articula língua e fala no funcionamento específico de linguagem de um sujeito. Entendemos que essa articulação é fundamental para o estudo do *distúrbio de linguagem* na clínica, visto que se trata de uma abordagem linguística que considera o sujeito que enuncia, e não uma linguística voltada exclusivamente para o “emprego das formas”. Por essa concepção, o *distúrbio de linguagem* é reconhecido, por nós, como um *fenômeno linguístico-enunciativo*. Ao ser refletido por esse viés, o *distúrbio de linguagem*, ao invés de ser descrito na sua generalidade, passa a ser visto como uma forma particular do sujeito se relacionar com a língua. Eis um aspecto, a nosso ver, imprescindível para uma clínica que tenha como objeto a linguagem: o locutor não pode ser deixado de lado na análise do fenômeno linguístico. Contudo, a inclusão do locutor tem uma especificidade em uma teoria que supõe a subjetividade na linguagem, que é o fato de se propor como sujeito na enunciação enquanto ato.

Assim, o locutor ganha relevo, visto que na *enunciação* todo o fenômeno linguístico depende de quem faz uso da língua. O locutor é visto através de um quadro intersubjetivo da linguagem, constituindo-se como sujeito pelo fenômeno da alteridade. Mas é preciso que se faça uma ressalva: as *teorias da enunciação* estudam as marcas do sujeito no enunciado e não o próprio sujeito, visto que o seu interesse principal é em relação ao sentido. Como lembra Flores (2001):

A linguística da enunciação toma para si não apenas o estudo das marcas formais no enunciado, mas refere-as ao processo de sua produção: ao sujeito, tempo e espaço. A linguística da enunciação deve centrar-se no estudo das representações do sujeito que enuncia e não no próprio sujeito, objeto de outras áreas (p. 59).

Porém, não se pode esquecer que se o locutor, que ascende a sujeito, integra o fenômeno linguístico é também porque há, do outro lado, um interlocutor que participa deste processo. Daí o destaque de que a *estrutura do diálogo* comporta as figuras *eu* e *tu* como parceiros na *relação discursiva*.

A explicação para a ênfase dada à relação que os interlocutores mantêm na enunciação é devida ao fato de que a mesma está, de maneira especial, presente na *clínica dos distúrbios de linguagem*. Na clínica é suposto um falante-ouvinte “não-ideal” que, por meio de sua fala “desviada”, marca a sua posição de enunciador. No entanto, essa posição está em relação à do clínico, que, junto, protagoniza o quadro figurativo da enunciação. Enunciar é assumir o lugar de *eu* no diálogo, para, em seguida, abandoná-lo em favor de *tu*, para que este assuma também o lugar de *eu*. Logo, enunciar implica ocupar uma posição na linguagem sob uma condição de reciprocidade, de reversibilidade. Esse ato só é possível no exercício da língua, que, via discurso, é colocada em funcionamento. Portanto, o falante sintagmatiza a língua e enuncia para um

outro, que o constitui, ao mesmo tempo em que é constituído como sujeito¹¹. É assim que, segundo Benveniste, se resolve o problema da comunicação intersubjetiva¹².

Sobre o que está em jogo na comunicação intersubjetiva vale o comentário de Dufour: “o vai-e-vem da fala entre “eu” e “tu”, sugere, certamente, uma troca, uma troca de objeto entre os dois protagonistas” (2000, p. 76). Vale ainda a pergunta do autor: “Mas o que entendemos exatamente por objeto?” (ibid., p.76). Dufour argumenta que não se trata de informações, embora essas também sejam trocadas. Para o autor, há uma troca, lógica e cronologicamente, anterior a qualquer outra: a simples troca do uso do operador discreto “eu”. Pois, “falar consiste, inicialmente, em trocar, antes de mais nada, a capacidade de utilizar o “eu”(ibid., p. 77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a reflexão que propomos neste trabalho é importante para o campo da fonoaudiologia, pois, em nossa opinião, ela que vai definir uma abordagem em relação aos *distúrbios de linguagem*. Por esse motivo, achamos importante precisar o que significa o sintagma *distúrbio de linguagem* neste estudo. Para isso, foi necessário o esclarecimento dos dois termos –linguagem e distúrbio – empregados no sintagma *distúrbio de linguagem*.

De nossa parte, concordamos, a partir dos pressupostos da teoria benvenistiana, com uma noção de linguagem que prevê a intersubjetividade como fundamento para o exercício da língua. Nessa acepção, onde a linguagem é a condição da língua, o locutor tem lugar, pois é ele que, por um ato de apropriação¹³, faz da língua a língua. O locutor, assim, transforma a língua em discurso por uma relação de alteridade com o outro. Trata-se, portanto, de uma noção de linguagem que articula língua, fala e falante sob o prisma da enunciação.

Sobre a noção de distúrbio, no sintagma *distúrbio de linguagem*, lembramos a nossa discordância em relação a uma concepção patológica do termo, no sentido de doença. Nossa opinião é de que o distúrbio é uma forma singular do falante se marcar na língua, com a ressalva de que, para ele, é, pelo menos inicialmente, a única forma possível da linguagem. Trata-se do que chamamos de um *funcionamento linguístico-enunciativo*.

¹¹ Em Flores (2008) encontramos um estudo detalhado sobre as diferentes ocorrências do uso do termo sujeito na obra de Benveniste. Neste trabalho, Flores (ibid.) fundamenta a sua idéia de se depreender da teoria benvenistiana o que designa de um *sujeito de enunciação*. Para isso, o autor discute o sentido de *apropriação* em Benveniste e conclui, em linhas gerais, que o sujeito “é da enunciação” porque advém da enunciação.

¹² A noção de *comunicação intersubjetiva* não é, assim como outras, passível de um acompanhamento linear na obra de Benveniste. Além das dificuldades terminológicas da sua leitura, essa foi uma expressão pouco utilizada pelo autor. O texto *A natureza dos pronomes*, de 1956, é um dos trabalhos em que a *comunicação intersubjetiva* é mencionada.

¹³ Segundo Flores (2010) o “ato de apropriação” ao qual se refere Benveniste deve ser entendido como sentido de “ação de tornar [algo] próprio ao uso”.

O que nomeamos de *funcionamento linguístico-enunciativo* diz respeito ao funcionamento observado na estrutura do diálogo, quando a língua é posta em ação pelo locutor. Por ser observado na estrutura do diálogo é que esse funcionamento inclui os elementos que nela participam. Assim, os participantes do diálogo, o tempo e a língua estão em constante movimento a cada enunciação nova. Se considerarmos a cena clínica, cada vez que o falante, fonoaudiólogo ou paciente, enuncia, estabelece um *funcionamento linguístico-enunciativo* particular.

Do ponto de vista clínico, o que quisemos ressaltar é que o fonoaudiólogo deve levar em conta a condição de enunciador do paciente. Uma condição que lhe permita atribuir referência e não o exclua do campo da comunicação intersubjetiva. Para que isso aconteça, o *distúrbio de linguagem*, ao invés de ser tratado como um problema meramente de formas linguísticas, tem que ser entendido como uma apropriação singular da língua pelo paciente.

Para isso, é necessário que o fonoaudiólogo reflita sobre a sua clínica, a partir de uma noção de linguagem refratária à idéia de *instrumento da comunicação*. Uma concepção de linguagem que releve a posição do falante deve estar articulada a uma noção semântica de língua, o que o possibilita enunciar para outrem e, assim, construir um lugar na estrutura intersubjetiva.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1991.
 _____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989
 CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
 CARDOSO, J.L. *Dialogismo e Fonoaudiologia: a intersubjetividade na clínica*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.
 _____. *Princípios de Análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem*. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.
 CHOMSKY, N. (1965). *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado, 1965.
 _____. (1968). *Linguagem e pensamento*. Petrópolis /RJ: Vozes, 1971.
 DUFOUR, D.R. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
 FLORES, V.N. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: v.36, nº 4, (p.7-67), 2001.
 _____. Sujeito da enunciação e/ou sujeito do enunciado? Exterioridade e interioridade teórica no campo da linguística da enunciação. In: Carmen Lúcia Barreto Matzenauer; Ana Ruth Moresco Miranda; Ingrid Finger; Luís Isaias Centeno do Amaral. (Org.). *Estudos da linguagem VII círculo de estudos linguísticos do sul*. 1 ed. Pelotas/ RS: EDUCAT, v. 1, (p. 200-220), 2008.

_____. O lugar metodológico da análise da enunciação em relação aos níveis da análise linguística. In: COLLISSCHONN, G. e BATTISTI, E. (Orgs.) *Estudos da linguagem. Perspectivas de investigação*, 2010, no prelo.

_____. *Enunciação e distúrbios de linguagem: sobre níveis de análise da fala sintomática*. Porto Alegre: Relatório de projeto de pesquisa (Processo PQ - CNPq 303327/2007-3), 2010. mimeo.

FLORES, V.N.; BARBISAN, L.; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M.; *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V.N.; SILVA, S.; LICHTENBERG, S.; WEIGERT, T. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, V.N. & TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Saussure, Benveniste e a teoria do valor: do valor e do homem da língua. In: *Letras e Letras*. Uberlândia 25 (1) (p. 73-84), 2009.

LE MOS, C. T. *Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original*. Boletim da ABRALIN, nº 3, 1982.

_____. *Interacionismo e aquisição da linguagem*. D.E.L.T.A., v.2, nº 2, 1986

_____. Sobre o “Interacionismo”. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: nº 3, setembro, 1999.

LIER-DE VITTO, M. F. Novas contribuições da linguística para a fonoaudiologia. In: *Distúrbios da comunicação*. São Paulo: v.7, n.2, (p. 163-171), 1995.

_____. Sobre o sintoma – déficit de linguagem, efeito da fala no outro, ou ainda...? In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: V.36, nº 3, (p.245-251), 2001.

NORMAND, C. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

PIAGET, J. (1946). *A formação do símbolo na criança. Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

_____. (1923). *A linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. (1970) *Epistemologia genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1997.

SURREAUX, L.M. *Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.

TROIS, J.F. Algumas considerações sobre a clínica-de-linguagem e o sintoma na linguagem. In: GRAÑA, C. (org.) *Quando a fala falta. Fonoaudiologia, linguística e psicanálise*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008.

VORCARO, A. *Crianças na psicanálise clínica, instituição, laço social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

VYGOTSKY, L. S. (1934) *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.